

Meu Lugar na UFRGS



FOTOS: ADRIANA FUGIMOTO / UFRGS TV

A casa do Protásio

Caroline da Silva

O teto já caiu em sua cabeça; mas onde Protásio Antônio Vervloet Paim sente-se em casa dentro da Universidade é no Museu de Paleontologia do Instituto de Geociências. Desde que ingressou na UFRGS, num concurso realizado em 1993, o geólogo sempre integrou o Departamento de Paleontologia e Estratigrafia da instituição. E, há mais de dez anos, é curador do Museu.

Criado em 1945 pelo professor Irajá Damiani Pinto, o Museu de Paleontologia é anterior ao curso de Geologia da Universidade e tem um dos maiores acervos do Sul do Brasil em invertebrados, com muitas peças raras e alguns exemplares únicos – como um crânio de mastodonte. O local, que atualmente está em reforma, deve ser reaberto em setembro.

Protásio narra sua trajetória na Universidade e a relação com o seu lugar em uma sala de apoio na qual estão espalhados diversos exemplares fósseis. Ele conta que o espaço tem uma função didática muito importante, pois recebe visitação desde alunos de pós-graduação até crianças do jardim de infância.

O geólogo responde pela classificação e conservação das peças e também atua nos eventos de divulgação do acervo.

Graduado em Geologia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos, a relação do técnico administrativo de nível superior com a UFRGS é anterior ao seu vínculo de funcionário. Protásio iniciou um curso de pós-graduação em Geoquímica na Universidade em 1991 – que nunca chegou a concluir, apesar de ter cursado todos os créditos e realizado os trabalhos de campo.

No entanto, ele já mantinha um vínculo histórico e familiar com a Universidade. A família paterna é tradicional em Porto Alegre; seu bisavô – Protásio Alves – é um dos fundadores da Faculdade de Medicina. Seu tio-avô foi professor da mesma faculdade. O primo, também Protásio, era chefe de Urologia no Hospital de Clínicas e hoje, aposentado, continua pesquisando. As primas atuaram no Instituto de Letras e na Faculdade de Biblioteconomia e Comunicação. É genro de Donald Schüller, que tem outra filha professora no Departamento de Genética. Cercado por membros da comunidade universitária, o geólogo conclui que seu caminho não poderia ser diferente: “Fui estudar fora da UFRGS, mas acabei aqui porque tinha muitos vínculos”.

Com seu cotidiano ambientado

no Campus do Vale, a rotina do frequentador do RU também compreende, aos finais de tarde, buscar o filho de quatro anos na Brinquedoteca da Universidade. Mostrando apreço pelo trabalho do pai, o menino gosta de catar pedras pelos caminhos do campus.

“Meu canto vai ser sempre o Museu de Paleontologia, mesmo em salas apertadas. É o meu espaço, seja na sala de exposição ou nos ambientes de preparo das peças. Eu amo este museu, gosto de trabalhar e me sinto bem aqui.” Protásio já foi professor universitário em uma instituição privada da região, mas diz que apesar da maior remuneração, escolheu a UFRGS. “Esse universo me dá uma condição de vida fantástica: convivo com várias gerações, desde o calouro até o fundador do curso.”

A peça do Museu de Paleontologia que é o xodó de Protásio Paim é um molusco cefalópode, amonite do período cretáceo (65-100 milhões de anos) da Bacia de Sergipe. O exemplar chegou à UFRGS no ano passado, tanto que ainda nem tem número de catalogação. O geólogo é fascinado pelos moluscos, seres que têm capacidade de aprendizado, como o polvo que é um animal bastante inteligente.



Protásio Paim é curador do Museu de Paleontologia

Esta coluna é resultado de uma parceria entre o JU e a UFRGS TV. Os programas de televisão com as entrevistas aqui publicadas serão exibidos ao longo da programação do Canal 15 da NET nas terças, quintas e sextas-feiras, a partir das 21h30min.

Perfil As escolhas de Rosinha Carrion

História de vida
Tradição familiar conduziu opção da socióloga pelo estudo da pobreza

Jacira Cabral da Silveira

Ela poderia estar aposentada desde 2001, mas não cogita fazê-lo. A dedicação à docência, à pesquisa e às atividades de extensão, que realiza junto a centros nacionais e internacionais, através do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas e Estudos sobre o Terceiro Setor, que coordena na UFRGS, certamente explicam por que Rosinha da Silva Machado Carrion prefere manter ativa a vida acadêmica iniciada em 1983, quando assumiu como professora com dedicação exclusiva. Há algum tempo suas questões de pesquisa versam sobre temas como pobreza e desenvolvimento. “Velhos problemas num contexto novo devem ser compreendidos não com ferramentas antigas, pois requerem novas problematizações e novos modelos de análise”, explica.

Graduada em Ciências Sociais em 1972, na UFRGS, Rosinha fez mestrado em Sociologia das Organizações na PUCRS em 1982, realizou a formação de doutorado em Sociologia junto ao *Conservatoire National des Arts et Métiers*, na França, no final dos anos 80, e doutorou-se em Administração na UFRGS, em 1998. Com 18 anos estudou nos Estados Unidos através da bolsa de estudos *American Field Service*, na *Hatboro-Horsham High School*. Essa seria a primeira ruptura para a garota sul-americana, de educação aristocrata. “Convivi com uma sociedade totalmente diferente, com jovens de valores morais muito distintos dos meus, mas que, no entanto, eram boas pessoas”. Experiência essa que direcionaria suas amizades futuras.

Pintar moranguinhos? – A espontaneidade com que Rosinha se comunica, fazendo do visitante quase um amigo de imediato, está longe de ser o perfil de uma garota educada aos moldes europeus do século XIX. Quando menina teve aulas de piano, passou por primorosos preceitos de etiqueta e foi introduzida nas “artes domésticas” da costura e bordado. Dotes que acabaram sendo burlados quando descobriu que pintar os moranguinhos era mais rápido do que bordá-los e que um esparadrapo resolvia mais prontamente a bainha das saias. “Eu vivia burlando as regras.”

Se, por um lado, Rosinha conseguia desvencilhar-se dos legados familiares, por outro, existem aqueles que persistem: “É sempre pesado carregar um nome, uma memória, sobretudo quando vem na forma de um fantasma”. Os Carrion foram proprietários de grandes extensões de terra, descendentes de heróis de guerra e portadores de brasão de nobreza – e coube às gerações futuras a responsabilidade de proteger os desvalidos. “Em criança, aprendemos que tínhamos responsabilidades para com os pobres”, comenta, referindo-se a ela e seus quatro irmãos. “Cada um de nós tinha o *seu pobre*”. Para a professora, essa respon-



FLAVIO DUTRA/PROJETO CONTATO

sabilidade social talvez explique o por que da presença de tantos membros de sua família dedicados à política e à vida acadêmica. E, por ser mulher, Rosinha foi ser professora. Afinal de contas, “a academia era mais apropriada ao sexo frágil”, ironiza.

Redoma quebrada – Outro momento de ruptura com a herança familiar ocorreu durante a experiência como professora de Educação Moral e Cívica na escola pública Infante Dom Henrique, então um núcleo de contestação ao regime militar. Era início dos anos 70, mas a repressão que amedrontava tantas famílias, não foi imediatamente percebida por Carrion. “Meu pai, ainda que mais tarde viesse a se arrepender amargamente, apoiou o golpe militar. Eu pertencia ao estrato social intelectualmente comprometido com o golpe”. Criada neste ambiente, ingenuamente, Rosinha trabalhava em sala de aula com autores como Karl Marx e Caio Prado. Por ocasião das comemorações de 7 de setembro, chegou a realizar com seus alunos uma peça crítica ao discurso da independência brasileira, fato que acabou chamando a atenção do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS). Seu pai articulou con-

tatos para resolver o caso em Brasília e livrar antecipadamente a filha do “escândalo” de ser apontada como subversiva. Foi então que Rosinha percebeu que o “sistema estava podre”, e que jamais voltaria a ser a mesma leitora de antes, motivada apenas pela curiosidade intelectual. Decidiu fazer Sociologia para entender o processo de construção daquela sociedade.

Sempre aprendendo – Rosinha aprende com tudo, há algum tempo ficou com uma seqüela no rosto que lhe tolhe parcialmente a espontaneidade da fala. Tempos depois, conversando com a irmã, comentou que o problema a fez aprender a escutar mais e falar menos, pois “aqueles que falam muito correm o risco de se tornarem autoritários. Com o problema em meu rosto, me obrigo, até pelo cansaço, a ouvir mais ao invés de falar.” Defensora ardorosa do respeito pelo outro, complementa: “o autoritarismo consiste, basicamente, em qualquer pessoa, em qualquer circunstância, se julgar, por qualquer motivo, mais digna de respeito, de bem estar, de participação do que qualquer outro indivíduo”. Seus gestos e fisionomia sinalizam tal desaprovção, para depois sorrir e continuar a conversa.